

*Editor*

*Martín Oller Alonso*

# Cultura(s) Periodística(s) Iberoamericana(s)

## La diversidad de un periodismo propio

Prólogo

**Beate Josephi, Ph. D.**

University of Sydney, Australia

Cuadernos Artesanos de Latina / 125



Coordinador editorial: José Manuel de Pablos - [jpablos@ull.edu.es](mailto:jpablos@ull.edu.es)

Comité Científico

Presidencia: José Luis Piñuel Raigada (UCM)

Secretaría: Alberto Ardèvol (ULL)

- José Antonio Meyer (Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, BUAP)
- Ramón Reig (Universidad de Sevilla, US)
- Miquel Rodrigo Alsina (Universidad Pompeu Fabra, UPF)
- Xosé Soengas (Universidad de Santiago de Compostela)
- José Miguel Túnnez (Universidad de Santiago de Compostela, USC)
- Victoria Tur (Universidad de Alicante, UA)
- Miguel Vicente (Universidad de Valladolid, UVA)
- Ramón Zallo (Universidad del País Vasco, UPV-EHU)
- Núria Almiron (Universidad Pompeu Fabra, Barcelona, UPF)
- Francisco Campos Freire (Universidad de Santiago de Compostela)
- José Cisneros (Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, BUAP)
- Bernardo Díaz Nosty (Universidad de Málaga, UMA)
- Carlos Elías (Universidad Nacional de Educación a Distancia, UNED)
- Paulina B. Emanuelli (Universidad Nacional de Córdoba, UNC)
- Marisa Humanes (Universidad Rey Juan Carlos, URJC)
- Juan José Igartua (Universidad de Salamanca, USAL)
- Xosé López (Universidad de Santiago de Compostela)
- Maricela López-Ornelas (Universidad Autónoma de Baja California, AUBC)
- Javier Marzal (Universidad Jaume I, UJI)

\* Queda expresamente autorizada la reproducción total o parcial de los textos publicados en este libro, en cualquier formato o soporte imaginables, salvo por explícita voluntad en contra del autor o autora o en caso de ediciones con ánimo de lucro. Las publicaciones donde se incluyan textos de esta publicación serán ediciones no comerciales y han de estar igualmente acogidas a Creative Commons. Harán constar esta licencia y el carácter no venal de la publicación.

Este libro y cada uno de los capítulos que contiene (en su caso), así como las



imágenes incluidas, si no se indica lo contrario, se encuentran bajo una Licencia Creative Commons Atribución-No Comercial-Sin Derivadas 3.0 Unported. Puede ver una copia de esta licencia en

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> Esto significa que Ud. es libre de reproducir y distribuir esta obra, siempre que cite la autoría, que no se use con fines comerciales o lucrativos y que no haga ninguna obra derivada. Si quiere hacer alguna de las cosas que aparecen como no permitidas, contacte con los coordinadores del libro o con el autor del capítulo correspondiente.

\* La responsabilidad de cada texto es de su autor o autora.

125° - **Cultura(s) Periodística(s) Iberoamericana(s)**

**La diversidad de un periodismo propio** /Martín Oller Alonso

| Precio social: 12,35 € | Precio en librería. 16,05 €

Editores: Javier Herrero y Alberto Ardèvol

Diseño: F. Drago

Ilustración de portada: Fragmento del cuadro *Mujer con bernegal*, de Pedro de Guezala (1958).

Imprime y **distribuye**: F. Drago. Andocopias S. L.

c/ La Hornera, 41. La Laguna. Tenerife.

Teléfono: 922 250 554 | [fotocopiasdrago@telefonica.net](mailto:fotocopiasdrago@telefonica.net)

Edita: Sociedad Latina de Comunicación Social – edición no venal

- La Laguna (Tenerife), 2017 – Creative Commons

<http://www.revistalatinacs.org/12SLCS/portada2014.html>

Descargar en pdf:

<http://www.cuadernosartesanos.org/#125>

Protocolo de envío de manuscritos:

<http://www.cuadernosartesanos.org/protocolo.html>

ISBN – 13: 978-84-16458-61-5

D. L.: TF 937-2017

[DOI: 10.4185/cac125](https://doi.org/10.4185/cac125)

# Índice

**CAPÍTULO I:** An overview of Latin American Journalistic Culture(s). The profile, professional situation and perception of journalists in Argentina, Brazil, Chile, Colombia, Ecuador, El Salvador and Mexico, p. 21

*Martín Oller, Sallie Hughes, Adriana Amado, Jesús Arroyave, José Luis Benítez, Palmira Chavero, Miguel Garcés, Mireya Márquez, Claudia Mellado y Sonia Virginia Moreira*

**CAPÍTULO II:** La materialización del método objetivo en el contenido noticioso de los diarios españoles, p. 61

*María Luisa Humanes y Sergio Roses*

**CAPÍTULO III:** Periodismo argentino: ética ideal para prácticas coyunturales, p. 79

*Adriana Amado*

**CAPÍTULO IV:** Corrupção e violência: sobre os riscos para jornalistas e mídia no Brasil, p. 95

*Sonia Virginia Moreira*

**CAPÍTULO V:** La comunicación mediática en Ecuador. Características de la prensa de referencia, p. 113

*Palmira Chavero y Martín Oller*

**CAPÍTULO VI:** Análisis del periodismo en Cuba: el predominio del rol profesional leal-facilitador de los periodistas en el contenido de las noticias de prensa, p. 135

*Dasniel Olivera y Leydi Torres*

**CAPÍTULO VII:** El periodismo deportivo en el norte de México: culturas de producción, prácticas de reporte y percepciones profesionales, p. 163

*Mireya Márquez, Ángel Iván Húguéz y Ángel Mario Martínez*

**CAPÍTULO VIII:** Percepciones profesionales y rutinas de producción en el periodismo radiofónico de salud en México, p. 195  
*Lucano Romero Cárcamo*

**CAPÍTULO IX:** La cultura periodística pre-profesional en el *triángulo de las Bermudas* del periodismo latinoamericano: Cuba, Ecuador y Venezuela, p. 223

*Martín Oller, Dasniel Olivera, Carlos Arcila, Palmira Chavero, Katiuska Flores, Abel Somohano, Mabel Calderín, Odett Domínguez, Liz Oliva y Jennifer Veliz*

**CAPÍTULO X:** La colaboración con el periodismo profesional, elemento definidor del periodismo ciudadano, p. 275

*Guillermo Gurrutxaga, María José Cantalapietra y Leire Iturregui*

**CAPÍTULO XI:** Vigencia de las radios indígenas en la era digital, sentando la agenda noticiosa de base en América Latina, p. 295

*Jairo Lugo-Ocando y Mónica Marchesi*

**CAPÍTULO XII:** Hacia un *periodismo-otro*: culturas periodísticas en América Latina en el marco del giro decolonial, p. 317

*Martín Oller y María Cruz Tornay*



# Corrupção e violência: sobre os riscos para jornalistas e mídia no Brasil

*Sonia Virgínia Moreira. Universidad del Estado de Rio de Janeiro, Brasil*

## Introdução

**I**NFORMAÇÃO é palavra igualmente simples e complexa. Entre as definições do Dicionário Michaelis é possível selecionar duas: “explicação ou esclarecimento de um conhecimento, produto ou juízo” e “notícia trazida ao conhecimento do público pelos meios de comunicação”. A associação dos dois significados explica porque a informação na mídia tem sido motivo de agressões físicas, atentados, ameaças e inclusive assassinatos de jornalistas brasileiros.

Assim como em outros países, a relação turbulenta entre jornalistas e objetos de suas matérias ou denúncias não é recente no Brasil,<sup>16</sup> mas as agressões a jornalistas aumentaram consideravelmente nas metrópoles e em cidades do interior. Independente da localização geográfica, os agressores costumam ser policiais ou indivíduos a mando de criminosos, políticos poderosos ou grupos econômicos

---

<sup>16</sup> Em pouco mais de 60 anos (entre 1954 e 2016) quatro escândalos marcaram a por vezes tensa relação entre políticos e mídia: o caso Vargas (que provocou o suicídio do presidente Getúlio Vargas em 1954; o caso Collor (que gerou o impeachment do Presidente Fernando Collor de Melo em 1990); o caso Mensalão (que resultou na condenação inclusive de políticos da alta hierarquia do Executivo em 2012); e a Operação Lava-Jato, ainda em curso, que desde 2014 investiga casos de corrupção na Petrobras).

contrariados pela divulgação de informações que os comprometam. Agem contra os jornalistas aqueles que não se sentem representados ou discordam da política editorial de algum meio de comunicação. Muitos são personalidades flagradas em situações explícitas de corrupção, que incluem recebimento de vantagens indevidas, desvio de verba pública e lavagem de valores obtidos ilicitamente. Nos últimos anos, participantes de manifestações ou protestos também têm agredido jornalistas, principalmente repórteres de emissoras de televisão, facilmente identificados pelos agressores.

Notícias sobre o uso criminoso de cargos públicos e de desvios em financiamentos de campanhas nas disputas político-eleitorais são hoje recorrentes e acontecem em diferentes escalas, com abrangência local, regional e nacional. A tensão gerada pela publicidade das ilegalidades está na origem dos ataques contra jornalistas ou propriedades de meios de comunicação por parte daqueles que se sentem ou se sentiram prejudicados. A cobertura da mídia e, em especial dos casos de corrupção que alcançam políticos e empresas com forte presença na economia, afeta a relação entre os meios de comunicação, a audiência e as fontes. Isso não é inédito no jornalismo. Ainda no final do século XIX, depois de assumir a direção do jornal *The San Francisco Examiner*, o futuro magnata de mídia nos EUA, William Randolph Hearst, assim definia notícia para os repórteres das suas empresas: “Notícia é o que alguém, em algum lugar, não quer ver publicada. Todo o resto é propaganda” (QI, 2013). No Brasil, a apuração e a circulação da informação aumentam o fator de risco para os jornalistas e também para os meios de comunicação, sendo possível traçar padrões de práticas ‘coronelistas’<sup>17</sup> em vários territórios.

Este texto usa como apoio para a análise teses atinentes à democracia, à corrupção e a formas de acesso à informação. O

---

<sup>17</sup> O termo coronelista tem origem nos chamados “coronéis” dos sertões brasileiros, que dominavam a política e a economia local em diversas regiões, geralmente grandes proprietários de terras. Na definição do historiador José Murilo de Carvalho (2015: 1800), “o coronelismo surge na confluência de um fato político e de uma tendência econômica, a saber, a constituição dos governos estaduais como importantes unidades de decisão política e a decadência socioeconômica dos senhores rurais”.

objetivo é compreender como a atividade jornalística é impactada no Brasil pela violência – pública e particular, econômica e política. Relatórios com dados de 2014, 2015 e 2016 do Comitê de Proteção a Jornalistas (CPJ), da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) e da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) constituem as principais referências sobre os riscos existentes para jornalistas e proprietários de meios no Brasil. Aos números exclusivos da profissão somam-se casos de assassinatos e agressões a radialistas e responsáveis por blogs, muitas vezes ausentes da classificação e organização das listas por pertencerem a categorias distintas. Ou seja: os totais são mais elevados quando considerado o conjunto de profissionais que atuam em meios de comunicação. A percepção dos jornalistas se baseia em algumas respostas do questionário comum do projeto acadêmico internacional *Worlds of Journalism Study*<sup>18</sup> aplicada pela equipe brasileira entre 2014 e 2016,<sup>19</sup> no qual participaram 376 jornalistas.

## 1. Democracia e mídia

A democracia no Brasil é jovem. Apenas em 2002, pouco menos de 20 anos depois de iniciada a transição para a democracia, um presidente eleito passaria a faixa presidencial a outro presidente eleito (Fernando Henrique Cardoso para Luiz Inácio da Silva). Apesar de consolidada, a democracia brasileira ainda mantém características do passado autoritário. Como identifica Montero (2011: 111) é um tipo de democracia participativa *ma non troppo*.

---

<sup>18</sup> Os profissionais entrevistados trabalham em redações de meios impressos, rádio, TV e on-line e foram selecionados de acordo com o alcance (nacional, regional, local, transnacional) e a propriedade do meio (público, privado, estatal), entre outros critérios pré-estabelecidos na metodologia.

<sup>19</sup> Também participou do projeto, além da autora, o pesquisador Márcio Castilho (Universidade Federal Fluminense). Na pesquisa de campo colaboraram os professores Maria José Baldessar (Universidade Federal de Santa Catarina) e Cláudio Cotrim (Faculdades Integradas Hélio Alonso); o jornalista Felipe Grandin; os técnicos André Leal e Renato Gomes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro); as alunas de graduação Bárbara S. de Almeida e Raphaela R. dos Santos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e de mestrado Ana Cristina Costa de Lima e Silva (Universidade Federal Fluminense).



Mesmo que a sociedade brasileira tenha tido sucesso em mobilizações a favor da democratização e dos direitos humanos, as elites conservadoras continuam a mobilizar os mais pobres, geralmente para apoiar políticas e normas que retiram os seus poderes [como cidadãos]. A corrupção, a politização dos tribunais e mesmo a violência contribuem para proteger os domínios da oligarquia.

Os períodos de autoritarismo, seguidos por ciclos democráticos, afetaram a produção e a circulação de informações. No século XX, o Estado Novo de Vargas (1937-1945) e o regime militar (1964-1985) foram tempos de forte censura, com investimento maciço em propaganda, primeiro no rádio e depois na televisão, um dado relevante se considerarmos que a taxa de analfabetismo estava em 56% na primeira metade da década de 1940 (IBGE, 2010) e em 21% em meados da década de 1980 (IBGE, 1987).

No prefácio de *With Malice Toward All?* livro que trata das implicações da crise de confiança do público norte-americano, Moy e Pfau (2000: xiv) argumentam que

a maioria das pessoas não tem contato direto com instituições públicas, bem como consciência, conhecimento e interesse limitados sobre essas instituições. Como resultado, não tem outra escolha a não ser basear sua compreensão do desempenho institucional em pedaços de informações coletadas nos meios de comunicação de massa<sup>20</sup>.

Moy e Pfau (2000) reforçam assim a função de mediadores dos jornalistas e da mídia entre instituições e público, enquanto autores como Keane (2002: 165) defendem a participação sistêmica da mídia na democracia:

A democracia moderna exige mecanismos de representação e a divisão institucional do Estado e da sociedade civil (...) que seja garantida por diversas instituições estatais que, por sua vez, são permanentemente responsáveis perante a sociedade civil através de mecanismos -partidos políticos, parlamentos, meios de comunicação- que mantêm abertos os canais entre o Estado e as instituições sociais.

---

<sup>20</sup> Tradução livre para o português do original em inglês.

Vários autores tratam em perspectivas distintas a influência dos meios de comunicação na evolução da democracia brasileira (Singer, 2001; Matos, 2009; Porto, 2012), assim como os marcos normativos para a mídia e a liberdade de expressão no contexto democrático (Ramos, 2000; Saravia, Martins e Pieranti, 2008; Pieranti e Martins, 2008; Lima, 2011; Lima e Guimarães, 2013). Todos consideram o início do processo de democratização na metade dos anos 80 como elemento comum para as suas análises.

Nessas três décadas, a intensificação da concentração de propriedade dos meios de comunicação afetou a atividade jornalística. Controlada por grandes grupos do setor<sup>21</sup>, “a indústria de mídia -seja de alcance nacional, regional ou local- é administrada principalmente por famílias que dominam a produção de impressos, à qual foram agregadas emissoras de rádio e de televisão e agências de notícias” (Moreira, 2015: 105). Em contrapartida, meios independentes -muitos dos quais mantidos por jornalistas- se expandiram no ambiente digital, o que de certa forma garantiu um nível razoável de pluralidade de vozes no contexto midiático. A partir da sua legalização em 1998 (Lei nº 9.612), os canais comunitários de rádio se multiplicaram -chegaram a 4.727 emissoras em 2015<sup>22</sup>, o que contribuiu para que se constituíssem como tipos de jornalismo popular alternativo (Peruzzo, 2009).

Em relação à mídia privada é válido considerar o conceito de clientelismo aplicado à comunicação política, como em Albuquerque e Pinto (2014), que usam o modelo de organização proposto por Hallin e Papathanassopoulos (2002). Para esses autores, o clientelismo se baseia em

[...] um modelo de organização vertical que mina formas horizontais de organização política. Em termos concretos, isto se traduziria de duas formas principais: 1) com a instrumentalização dos meios de comunicação por setores poderosos, com base na qual a divulgação de informações passa a atender a interesses privados,

---

<sup>21</sup> Em 2015 o setor de mídia brasileiro foi apontado pela revista *Forbes* como o 8º mais representativo no país, com empresários de quatro grupos de comunicação (*Globo, Record, Abril e Silvio Santos*) entre os maiores bilionários nacionais (Meio&Mensagem, 2015).

<sup>22</sup> Dados consolidados da Anatel-Agência Nacional de Telecomunicações (2016).

antes que públicos; 2) através do enfraquecimento do profissionalismo entre os jornalistas (apud Albuquerque e Pinto, 2014: 545-546).

Condições desse gênero geram conflitos entre meios de comunicação e jornalistas e também entre jornalistas e representantes dos mundo político e empresarial. E é desse enfrentamento que muitas vezes resultam casos de agressões a jornalistas.

## 2. Corrupção e cobertura de mídia

A localização (região e centros urbanos) e a estrutura de propriedade dos meios de comunicação brasileiros são dois fatores a considerar na análise da cobertura jornalística e, em especial, do espaço destinado na mídia a casos de corrupção. Um exemplo convincente dessa afirmação pode ser encontrado na leitura dos dados coletados em 2004 pelo website *Deu no Jornal* (projeto descontinuado da organização independente Transparência Brasil) sobre o tema corrupção. No primeiro semestre daquele ano, os dois principais jornais de São Paulo (*Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*), na região Sudeste, publicaram 1.549 notícias sobre corrupção. No mesmo período, dois jornais impressos no Rio Grande do Norte (*Diário de Natal*) e no Maranhão (*O Imparcial*), integrantes do Grupo Diários Associados localizados nas regiões Nordeste do Brasil, publicaram 9 matérias sobre o assunto, reunindo assim o menor número de textos sobre corrupção no contexto da imprensa nacional (In: Abramo, 2004: 34). Confirma-se assim como não só a propriedade mas também a localização dos meios de comunicação influem na cobertura jornalística<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Os dois jornais de São Paulo, pertencentes a grupos de mídia tradicionais e de tendências distintas, avançam pelo território de outras regiões por meio das suas respectivas agências de notícias e reservam maior espaço a temas de interesse geral, ainda que seus leitores primários sejam moradores da metrópole. Os dois jornais do Nordeste, por outro lado, foram fundados como parte do Grupo Diários Associados, que expandiu seus domínios a partir da década de 1930 –primeiro com impressos e mais tarde com emissoras de rádio e TV –com foco na imprensa regional, principalmente no Nordeste. No seu melhor momento, na década de 1960, o Grupo era formado por 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão. Agora, há pelo menos 10 anos atravessa uma crise financeira que provocou a demissão de centenas de jornalistas, a

Em 2010, dados divulgados por um instituto de pesquisa evidenciaram que, para a grande maioria das pessoas, jornalistas e meios de comunicação eram os principais atores no enfrentamento da corrupção:

Para 91% dos brasileiros, a imprensa ajuda a combater a corrupção ao divulgar escândalos que envolvem políticos e autoridades, indica pesquisa feita pelo instituto Análise a pedido do Estado. Nada menos que 97% dos entrevistados se declaram a favor da investigação e divulgação de casos e suspeitas de corrupção pela imprensa (Bramatti, 2010: A14).

Outro registro mais recente mostra que a percepção da corrupção aumentou sensivelmente entre brasileiros em anos recentes – e o espaço nos meios de comunicação dedicado ao assunto está relacionado a essa mudança. Pesquisa de opinião empreendida em 2016 pelo Latinobarómetro nos países latino-americanos conclui que

si se analiza el problema de la corrupción que ha saltado a la agenda de los países como uno de los problemas principales se observa en primer lugar que hay 4 países donde la corrupción está en primer o segundo lugar con porcentajes iguales o superiores a 9 puntos porcentuales: Brasil, Bolivia, Chile y Perú. [...] En cinco países se confirma en 2016 que uno de cada cuatro entrevistados sabe de actos de corrupción, registrando entre el 24% y el 25%: Brasil, Chile, México, República Dominicana y Venezuela (pp. 63-66).

Ao mesmo tempo, e de modo trágico, a corrupção aparece como o motivo do maior número de mortes de jornalistas (64%) em 24 anos [gráfico 1], período no qual 39 profissionais morreram no exercício da profissão, informa o Comitê de Proteção a Jornalistas (2017).

No Brasil, os estudos sobre corrupção estão vinculados principalmente às áreas do direito (público, civil e administrativo), como em Cavalcanti (1991), Pimentel Filho (2015) e Furtado (2015); da economia, como em Carraro (2007); e da ciência política, como em Miranda (2009). Pesquisas sobre como a corrupção afeta o jornalismo –e, em especial, o trabalho de jornalistas– ainda são incipientes no

---

venda e o fechamento de vários meios –caso do *Diário de Natal*, que parou de circular em outubro de 2012.

país. Investigadores de campos próximos ao jornalismo, porém, identificam alguns elementos conexos entre meios de comunicação e cobertura de casos de corrupção. É o caso de Lima (2013), que assinala a legislação midiática como um dos pontos inevitáveis de abordagem, uma vez que no Brasil: a) as leis de radiodifusão são assimétricas se comparadas a outros serviços públicos (para não ter a renovação da sua concessão, ou para ter sua concessão cassada, “o concessionário de rádio ou TV possui condições que são diferentes de todos os outros serviços de concessão pública”); b) não há qualquer restrição para a formação de redes de radiodifusão; c) políticos no exercício do mandato mantêm vínculo direto com concessões de radiodifusão; d) o Estado financia em boa parte o sistema de mídia (“através de verbas oficiais de publicidade, de subsídios dos mais variados tipos, como empréstimos bancários e todo tipo possível de isenção” (Lima, 2013: 37-39). Na avaliação da cobertura de casos de corrupção pelos meios brasileiros o que mais chama a atenção do pesquisador é o fato de a mídia não ser considerada “como uma instituição que está sujeita à corrupção e que pode ser, ela própria, agente da corrupção. Não se questiona ou se problematiza a mídia como agente corruptor” (Lima: 40). Em anos recentes, essa tem sido uma das polêmicas a dominar os debates envolvendo a cobertura jornalística de escândalos sobre corrupção.

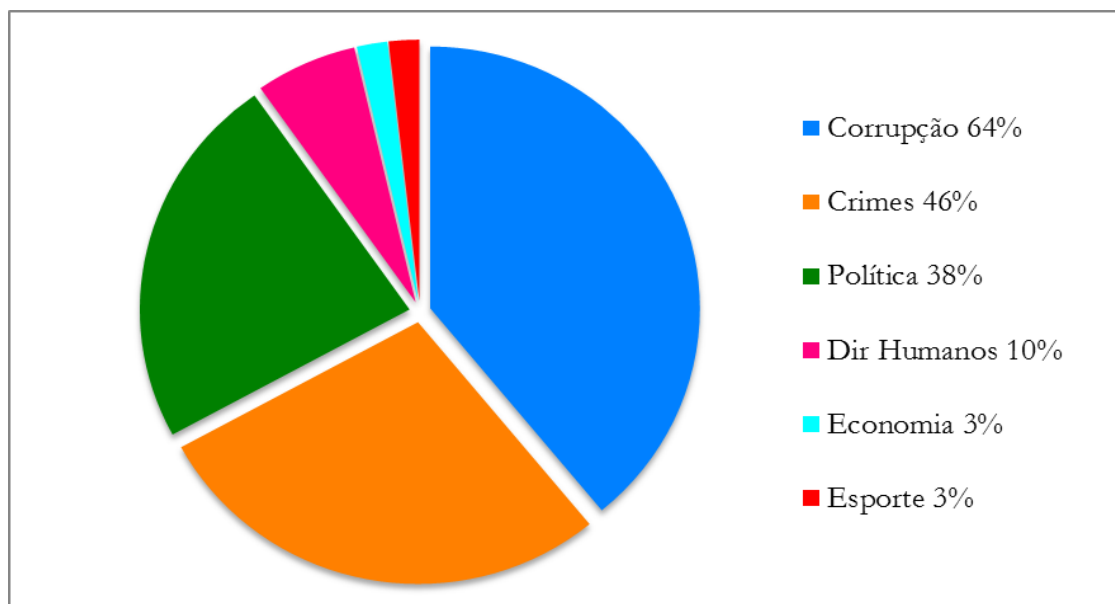
### **3. Violência contra jornalistas e impunidade**

A questão dos crimes contra jornalistas foi debatida institucionalmente pela primeira vez na América Latina em 1997. Naquele ano, o Brasil foi signatário –juntamente com oito países latino-americanos (Argentina, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, México, Nicarágua, Venezuela), os Estados Unidos e a França– do documento final da Conferência Hemisférica sobre Crimes sem Punição contra Jornalistas, promovida pela Sociedade Interamericana de Imprensa na Cidade da Guatemala.

No Brasil de 2014, ano marcado por várias manifestações políticas nas cidades brasileiras, dos 129 jornalistas agredidos durante a cobertura jornalística desses eventos, 62 (48,1%) foram vítimas de violência policial, segundo a Federação Nacional dos Jornalistas. Além de policiais, os jornalistas também foram vítimas de agressões por parte de manifestantes (12,4%) e de políticos (12,4%). Os casos

aconteceram principalmente em capitais (Fenaj, 2015). Nas cidades do interior, a maioria dos registros incluiu jornalistas e apresentadores de programas de rádio.

Gráfico 1. Jornalistas assassinados por tipo de cobertura (1992-2016)



Fonte: Committee to Protect Journalists, 2017.

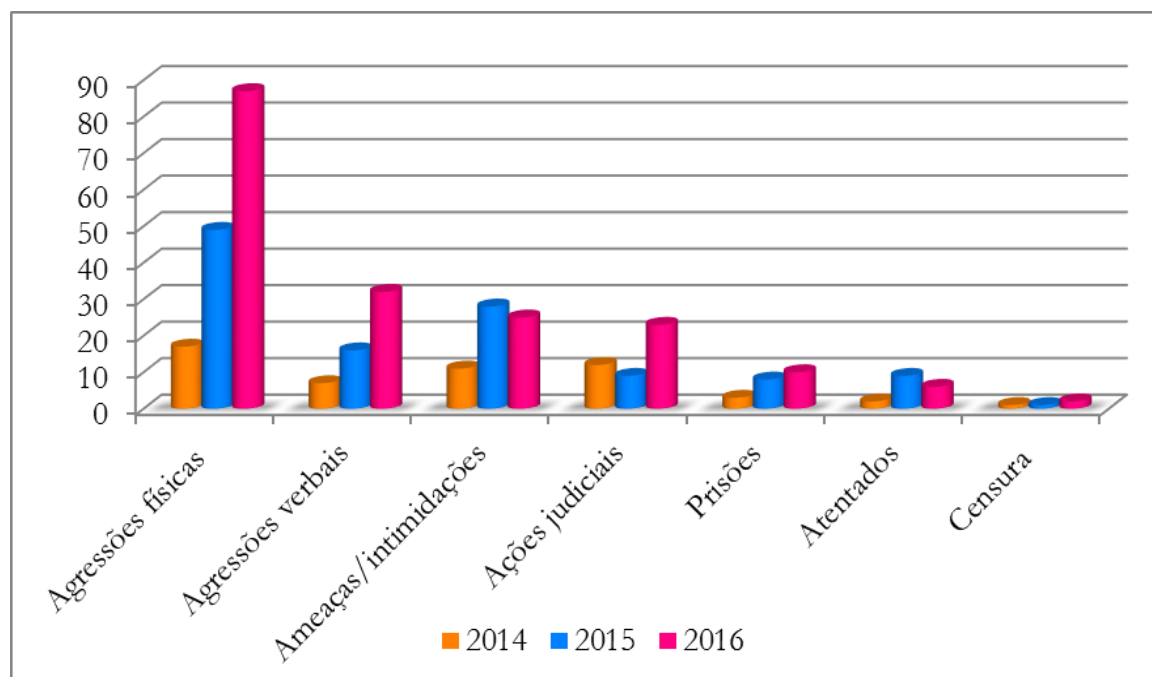
Em 2015 foram 69 agressões contra jornalistas em todas as regiões do Brasil. Desse total, oito profissionais credenciados e identificados foram assassinados no exercício da profissão. Esse número fez do Brasil o 5º país mais violento para jornalistas. Em praticamente todos os crimes houve algum tipo de participação dos envolvidos em denúncias, a grande maioria políticos e empresários acusados de corrupção. Em número reduzido também foram registradas agressões por agentes do Estado contra jornalistas.

Em 2016, em apenas dez dias de março houve 21 casos de agressões, detenções e ofensas a jornalistas e também de ataques e vandalismo a prédios de meios de comunicação. Em novembro, outras agressões a profissionais de diversos meios (jornal *O Globo*, portal de notícias UOL, *TV Globo* e canal de TV por assinatura *Globonews*) ocorreram durante manifestações no Rio de Janeiro. O ano terminou com quatro jornalistas assassinados, o que colocou o país em 4º lugar na classificação mundial dos locais mais perigosos para o exercício da profissão.

Comparados os três anos verifica-se o aumento dos assassinatos de jornalistas brasileiros em 2014 e 2015 e queda em 2016. No entanto, agressões físicas e verbais, ações judiciais e prisões de profissionais cresceram a cada ano e principalmente em 2016, conforme indicam os respectivos relatórios anuais da FENAJ [gráfico 2]. O Relatório da ABERT 2016 sobre o perfil dos ataques mostra que os jornalistas agredidos são principalmente homens, da região Sudeste (estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo), que trabalham em emissoras de televisão.

As agressões são a forma mais comum de violência contra jornalistas. Mesmo identificados como imprensa, profissionais de todos os meios de comunicação continuam sendo atacados no país, em circunstâncias variadas. Os mais visados, até pelas próprias características do veículo, são aqueles que trabalham em emissoras de TV, seguidos por representantes de jornais e rádios (ABERT, 2017).

Gráfico 2. Evolução do tipo de agressões a jornalistas 2014-2016

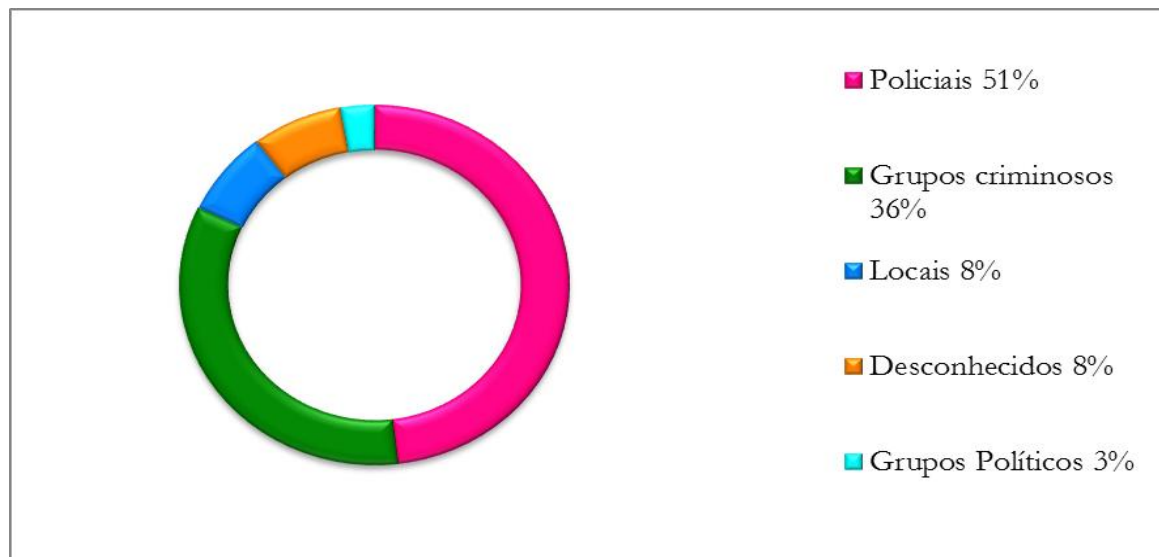


Fonte: FENAJ - Relatórios de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil (2014, 2015, 2016).

A impunidade a esses ataques é um dos maiores problemas enfrentados pelos jornalistas. Dados do CPJ (2017) mostram que 70% dos responsáveis pelas mortes de jornalistas ficam impunes, que a

justiça parcial ocorre em 22% dos casos e que apenas 11% dos julgamentos dos casos de agressão resultam na condenação dos culpados. A autoria dos crimes [gráfico 3] dificulta a punição e isso permite que profissionais continuem a ser assassinados. A polícia (51%) e grupos criminosos (36%) são os responsáveis mais frequentes pelas mortes de jornalistas.

Gráfico 3. Autores de crimes contra jornalistas 1992-2016



Fonte: Committee to Protect Journalists (2017).

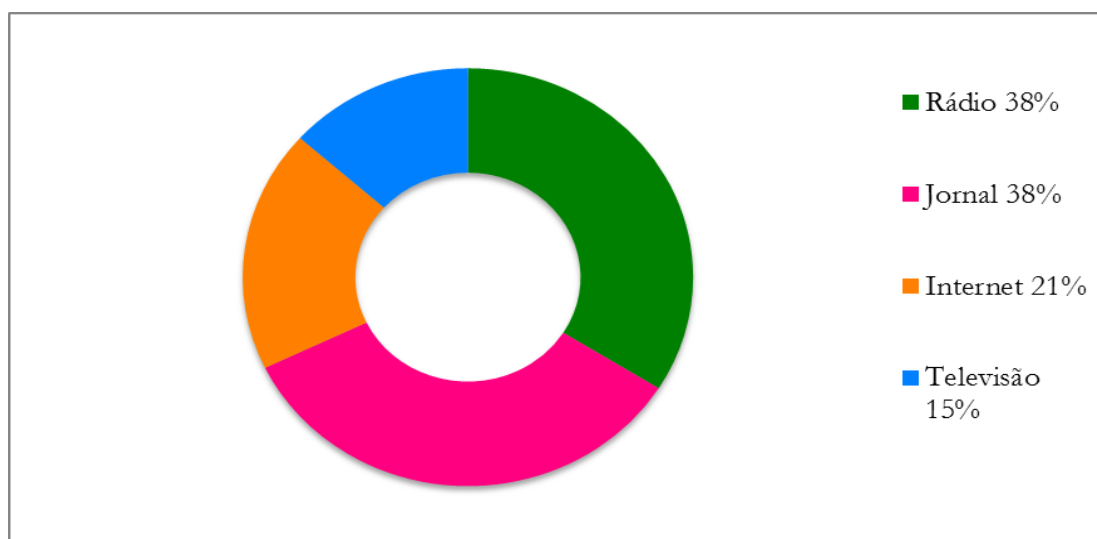
Jornalistas de rádio e de impressos são os principais alvos de ataques –e se considerarmos somente rádio e televisão, o percentual chega a 53% dos profissionais assassinados [gráfico 4].

Em documento de 2016, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV reconhece que

[...] a violência contra a imprensa é um dos grandes problemas da atualidade porque tem um significado que vai muito além do assassinato e das agressões individuais contra jornalistas. É uma brutalidade que gera um ambiente de medo, intimida e provoca a autocensura. Se uma imprensa livre contribui para o aperfeiçoamento democrático quando combate a corrupção, fiscaliza governos, denuncia a criminalidade e ajuda a promover a paz, as ameaças a seus profissionais colocam a sociedade em risco (ABERT, 2016: 16).



Gráfico 4. Jornalistas assassinados entre 1992-2016, por meio



Fonte: Committee to Protect Journalists (2017).

Considerando por regiões, a violência contra jornalistas é maior na região Sudeste (formada pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo), onde ocorrem 41,6% dos casos; seguida pelas regiões Nordeste, com 21,2% das ocorrências; Norte (16%); Sul (13%) e Centro-Oeste (8%). Fora dos grandes centros, onde ganham maior repercussão, os assassinatos de jornalistas geralmente não são divulgados pelos meios locais, censurados oficialmente pelo próprio poder político-econômico do lugar. Noventa por cento dos jornalistas assassinados, segundo dados do Comitê de Proteção a Jornalistas (1992-2017), desempenhavam as funções de repórteres de rádio (28%), eram proprietários de meios de comunicação (23%), atuavam como comentaristas ou colunistas (21%) e repórteres de portais de notícias (18%). Fotógrafos e operadores de câmera estavam entre os menos visados desse tipo de crime contra profissionais.

Apesar de ter assinado há duas décadas a Resolução da Conferência Hemisférica sobre Crimes sem Punição contra Jornalistas, o Brasil ainda não atende pelo menos duas das três recomendações que no mesmo ano de 1997 seria transformada na Resolução 29 Adotada pela UNESCO entre as medidas para serem colocadas em prática pelos governos: “adotar o princípio de não prescrição dos crimes contra jornalistas de modo a impedir o exercício da liberdade de informação; e aperfeiçoar as leis para possibilitar o processo e a

condenação dos autores intelectuais de assassinatos de jornalistas” (SIP, 2007: 7).

### **Comentários finais**

Algumas respostas dos jornalistas brasileiros ao questionário da pesquisa *Worlds of Journalism Study* (2014-2016) indicam (ajudam a compreender) porque os profissionais podem estar vulneráveis em situações que se apresentam no seu trabalho cotidiano, simplesmente por exercerem a profissão de acordo com seus valores pessoais e organizacionais. Aqui são destacados três grupos de respostas que, no conjunto, podem ter relação com as agressões relatadas neste capítulo:

- Em relação à função profissional, os jornalistas entrevistados respondem que devem relatar os fatos como eles são (89,4%), promover a tolerância e a diversidade cultural (77,4%) e ser um observador independente (73,1%).
- Entre os elementos que mais influenciam a sua atividade como jornalistas estão: a ética jornalística (78,0%), o acesso à informação (65,7%) e a escassez do tempo na produção das notícias (64,3%).
- Quanto à confiança nas instituições, os jornalistas confiam menos em partidos políticos (0,5%), nos políticos em geral (0,8%), no Congresso (2,5%) e na polícia (4,3%).

A veemência quanto a posturas éticas no trabalho cotidiano de apuração de notícias pode gerar reações violentas contra os jornalistas da parte de agentes políticos e econômicos contrários à divulgação de informações com as quais estejam relacionados. Ao defenderem a tolerância, a diversidade e a independência na cobertura jornalística, os jornalistas se posicionam claramente na defesa da profissão, o que muitas vezes contraria interesses políticos e econômicos e pode ser fatal para o profissional. Casos de violência contra jornalistas brasileiros estão influenciando a relação com alguns setores que seriam fontes naturais no jornalismo, em especial os políticos e a polícia.

Com a organização e a análise das questões aqui apresentadas, este texto procura mostrar que as condições históricas e contemporâneas do Brasil servem para explicar em grande parte as experiências dos

jornalistas em uma jovem democracia que sofre com índices significativos de violência. Os dados descritivos nacionais inferem que é possível estabelecer uma relação de causa e efeito entre o desempenho democrático, a violência social, a violência contra jornalistas e contra meios de comunicação. A desigualdade econômica e a corrupção geradas pelo desequilíbrio entre o poder do cidadão e o poder do mundo da política e do mundo dos negócios estão entre os fatores que resultam na maioria dos ataques contra jornalistas.

## Referências

- ABERT (2017). *Relatório Anual 2016*,  
<http://www.abert.org.br/imprensa/ABERT-RELATORIO-FINAL-WEB-PAGINACAO-INDIVIDUAL.pdf> [consultado 25/02/2017].
- ABERT (2016). *Relatório Anual 2015*. Violações à Liberdade de Expressão,  
<https://www.abert.org.br/web/images/Biblioteca/Liberdade/Liberdadeimprensa2015.pdf> [consultado 10/12/2016].
- ABERT (2015). *Relatório Anual 2014-2013*,  
<http://www.abert.org.br/web/images/Biblioteca/Liberdade/Relatorio de Liberdade de Imprensa 2013 2014.pdf>  
[consultado 11/12/2016].
- Abramo, C. W. (2004). Corrupção e informação. *Cadernos da Controladoria*, ANO IV, nº 2, junho.
- Albuquerque, A. e Pinto. P. A. (2014). O inferno são os outros: mídia, clientelismo e corrupção. *Revista Famecos*, 21(2): 542-562.
- Anatel (2016). Relatórios Consolidados – Indicadores de 2012 a 2015,  
<http://www.anatel.gov.br/dados/2015-02-04-18-43-59>  
[consultado 17/12/2016].
- Penna, M. L. (2010). *Fernando de Azevedo*. Recife: Editora Massangana.
- Bramatti, D. (2010). 91% acham que mídia é arma anticorrupção. *O Estado de S. Paulo*,  
<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,91-acham-que-midia-e-arma-anticorruptao,524062> [consultado 27/04/2017].

- Carraro, A. (2007). Modelos econômicos e corrupção: possíveis causas e consequências. *Cadernos da Controladoria*, Ano VII, nº4, dezembro
- Carvalho, J. M. (2015). Verbetes “coronelismo”. Em: *Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)* (pp. 1797-1807). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Cavalcanti, P. R. A. (1991). *A corrupção no Brasil*. São Paulo: Siciliano.
- CIDH/RELE (2016). *Liberdade de Expressão no Brasil, Compilação de Relatórios de 2005 a 2015*. Relatoria Especial para a Liberdade de Expressão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, Organização dos Estados Americanos, <https://www.oas.org/pt/cidh/expressao/docs/publicaciones/brasillibertadexpresion2016.pdf> [consultado 23/01/2017].
- CPJ (2017). 39 Journalists Killed in Brazil since 1992/Motive Confirmed, <https://cpj.org/killed/americas/brazil> [consultado 23/04/2017].
- FENAJ (2017). Relatórios de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil 2014 / 2015/ 2016, <http://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/> [consultado 23/04/2017].
- Furtado, L. R. (2015) *As raízes da corrupção no Brasil - Estudo de casos e lições para o futuro*. Belo Horizonte: Fórum.
- Hughes, S. (2015). *Internal papers*, Worlds of Journalism Studies - Latin America, <http://www.worldsofjournalism.org/> [consultado 30/03/17].
- IBGE (1987). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Taxa de Analfabetismo 1981-1985. *Estatísticas do Século XX – Educação*.
- IBGE (2010). Características da População e dos Domicílios – Alfabetização, 84, [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2\\_010\\_caracteristicas\\_populacao\\_domicilios.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2_010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf) [consultado 28/03/2017].
- Kucinski, B. (2002). Mídia e Democracia no Brasil. Em: Kunsch, M. M. K. e Fischmann, R. (Orgs.). *Mídia e tolerância: a ciência construindo caminhos de liberdade* (pp. 39-50). São Paulo: EDUSP.
- Latinobarómetro (2016). *Informe 2016*. Santiago de Chile: Corporación Latinobarómetro.

- Lima, V. (2013). A mídia e sua abordagem da corrupção. *Revista do CAAP – Centro Acadêmico Afonso Pena*, XIX(1): 35-45.
- Lima, V. (2011). *Regulação das comunicações – história, poder e direitos*. São Paulo: Paulus.
- Matos, C. (2009). *Journalism and Political Democracy in Brazil*. Nova York: Lexington Books.
- Meio&Mensagem (2015). Os bilionários da mídia brasileira, <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2015/08/31/os-bilionarios-da-midia-brasileira.html> [consultado 28/11/2016].
- Miranda, L. F. V. (2009). Definindo e medindo corrupção: métodos. 1º Fórum Brasileiro de Pós-graduação em Ciência Política. Belo Horizonte, 21-23 de outubro.
- Montero, A. P. (2011). Brazil: The Persistense of Oligarchy. Em: Levine, D. e Molina, J. (Eds.). *The Quality of Democracy in Latin America*. Boulder: Lynne Rienner Publishers.
- Moreira, S. V. (2017). *Brazil*. Worlds of Journalism Study, Country Reports: 2012-2016 Study, [https://epub.ub.uni-muenchen.de/32084/1/Country\\_report\\_Brazil.pdf](https://epub.ub.uni-muenchen.de/32084/1/Country_report_Brazil.pdf) [consultado 27/03/2017].
- Moreira, S. V. (2015). Propriedade de mídia e de telecomunicações no Brasil. Em: Faustino, P. e Moreira, S.V. (Orgs). *Estratégias, economia e administração de empresas de mídia e criativas* (pp. 103-122). Lisboa: Media XXI.
- Moy, P. e Pfau, M. (2000). *With malice toward all? The media and public confidence in democratic institutions*. Westport: Praeger.
- Peruzzo, C. M. K. (2009). Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. *Revista Galáxia*, 17: 131-146.
- Pieranti, O. e Martins, P. E. M. (2008). Políticas públicas para as comunicações no Brasil: adequação tecnológica e liberdade de expressão. *Revista de Administração Pública*, 42(02): 302-325.
- Pimentel Filho, A. (2015). *Uma teoria da corrupção*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Júris.
- Porto, M. (2012). *Media Power e Democratization in Brazil*. Nova York: Routledge.

- QI – Quote Investigator (2013). Exploring the Origins of Quotations, <http://quoteinvestigator.com/2013/01/20/news-suppress/> [consultado 28/03/2017].
- Ramos, M. C. (2000). *Às margens da estrada do futuro – Comunicações, políticas e tecnologias*. Brasília: Coleção FAC-Editorial Eletrônica.
- Saravia, E; Martins, P. E. M. e Pieranti, O. (Org.) (2008). *Democracia e regulação dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Singer, A. (2001). Mídia e democracia no Brasil. *Revista USP*, 48: 58-67.
- Sociedade Interamericana de Imprensa (2007). *Documentos e declarações intergovernamentais para combater a impunidade nos crimes contra jornalistas*. Miami: SIP.